

Merremii Karão Jaguaribaras

WÚPY TAOWÁ

VESTINDO-SE DE LINGUAGENS





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Miguel Sanches Neto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Edina Schimanski

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA COLEÇÃO RETOMADAS

Alvaro Franco da Fonseca Junior

Eliana Souza Tremembé

Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú

Letícia Fraga

Ligia Paula Couto

Mariana Fraga da Fonseca

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO RETOMADAS

Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó

Casé Angatu

Eliane Potiguara

Felipe Milanez

Florencio Rekeyg Fernandes

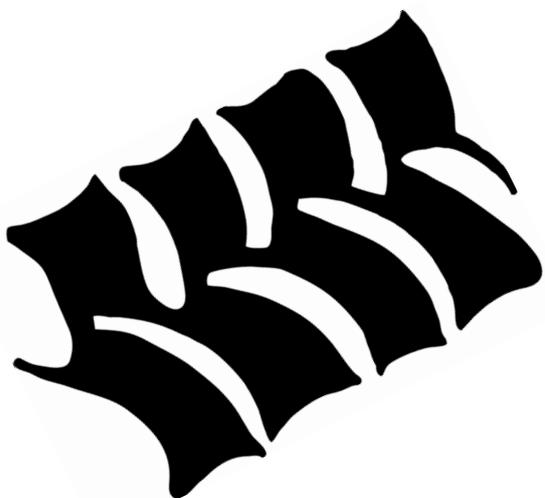
Geni Nuñez

Gersem Baniwa

Márcia Wayna Kambeka

Taquari Pataxó



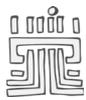
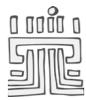
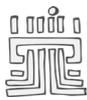
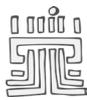
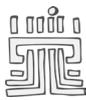
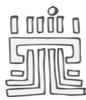
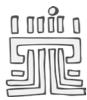
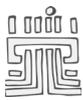


Merremii Karão Jaguaribaras

WÚPY TAOWÁ

VESTINDO-SE DE LINGUAGENS





Copyright © by Maria Natália Assis Gomes

Equipe editorial

Edição Letícia Fraga e Ligia Paula Couto

Revisão Eliana Souza Pinto

Ilustrações Merremii Karão Jaguaribaras

Capa Álvaro Franco da Fonseca Junior sobre
desenho de Merremii Karão Jaguaribaras

Diagramação Andressa Marcondes

J24 Jaguaribaras, Merremii Karão.
Wúpy Taowá: vestindo-se de linguagens/ Merremii Karão
Jaguaribaras. Ponta Grossa: Ed. UEPG-PROEX, 2022.
50 p; il. Livro eletrônico.

ISBN: 978-65-86967-50-0

1. Cultura indígena. 2. Etnia Karão Jaguaribara. 3. Poesia.
I. Jaguaribaras, Merremii Karão. II. T.

CDD: 306.089

Ficha catalográfica elaborada por Rodrigo Pallú Martins – CRB 9/2034/O

Depósito legal na Biblioteca Nacional

Apoio - Editora UEPG

2022

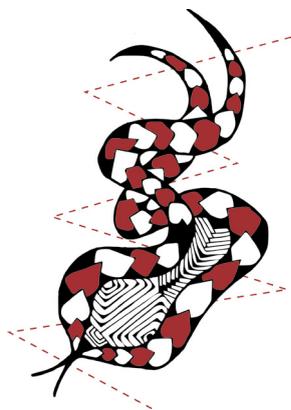
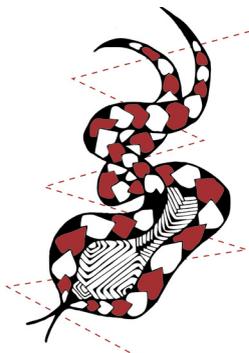
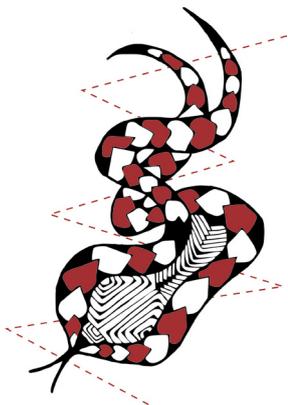




A ARTE INDÍGENA E SEU ORÁCULO INDES VENDÁVEL

A serpente de várias faces nos convida para incorporarmos as linguagens dos mundos e nos conectarmos com as feras, como uma linha que costura as dimensões, como uma teia que protege os mundos, escrevendo símbolos destacados, despertando o sagrado e promovendo a junção, numa viagem que nos projeta a um reflexo do que é ser um Karão Jaguaribaras.





A minha Nação indígena Karão
Jaguaribaras e à Mãe Terra que,
além de lar, é professora.





SUMÁRIO



31
GUYÁ KAHOO: OS ESPÍRITOS E AS SERPENTES

34
A COSMOLOGIA DA ARTE

25
TAOWÁDAS DOS RITUAIS SAGRADOS

19
DESCREVENDO AS *TAOWÁS*

12
UM CONTO

10
SOBRE O LIVRO

8
A HISTÓRIA DO MEU POVO CONTINUA COM A MINHA TRAJETÓRIA





A HISTÓRIA DO MEU POVO CONTINUA COM A MINHA TRAJETÓRIA



Nasci em 2 de março de 1993, em Aratuba, Ceará. Sou agricultora, militante indígena, contista, poetisa, ambientalista, artista visual e artesã. Graduada em Sociologia pela UNILAB-CE e Graduada em Serviço Social pela Anhanguera-UNIDERP-Centro de Educação a Distância-CEAD.

Sou parte do sangue derramado das caboclas serpentes: o clã das cobras pretas, da Nação Karão Jaguaribaras. Esse clã, também titulado como “Caboclas Flexeiras”, era composto por mulheres que ficavam na linha de frente das guerras no período colonial e, com suas flechas, retardavam os opressores enquanto os demais clãs de minha nação avançavam.

Não posso limitar meu início de vida ao meu nascimento, pois estaria esquecendo os meus antepassados e toda a genealogia dos meus antecedentes. O máximo que posso me



definir é que sou a continuação da história de meu povo, uma das sementes germinada no calor das opressões. Na minha infância, eu brincava com serpentes, elas faziam parte do meu cotidiano e ainda fazem até hoje. Elas são contribuintes para a minha educação, ajudam-me a entender os comportamentos.



Merremii, meu nome étnico, significa serpente de várias faces. Esse nome me foi dado em um rito de passagem, quando comecei a entender como funcionava o círculo da vida e, só depois, com meu amadurecimento, fui entender a grandeza e o peso deste presente.



Dentre as muitas funções que desempenho, sou também educadora espiritual e social junto com *Papuã* (pajé- liderança espiritual) e *Kasike* (Liderança social) nas primeiras passagens dos jovens e crianças dentro de minha comunidade.



E MEU POVO, QUEM É?



Os Karão Jaguaribaras têm suas origens, segundo as oralidades em *Ybutritê* (Serra de Baturité), “descendentes do bicho onça da tribo das onças pintadas”. Habitamos o território cearense e fomos protagonistas nas lutas contra os projetos coloniais. Um povo que se organiza de maneira coletiva.



Houve um período em que fomos silenciados. Motivo? Massacre do nosso povo! Mas continuamos aqui, resistindo e existindo, com o lema de levante: “quebrando o silêncio!”



SOBRE O LIVRO:



WÚPY TAOWÁ é um conjunto de linguagens transmissoras de mensagens, insere-se como uma arte filosófica, antropológica, sociológica e cosmológica. Para tanto, exprime diversas linguagens que sinto a necessidade de descrever neste livro, na intenção de immortalizar estas linguagens expressas de diversas formas em meu povo indígena pertencente à nação Karão Jaguaribaras.



As *Taowás* vêm carregadas de linguagens, diversas expressões acompanhadas de simbologias que nos permitem adentrar em um espaço pluricultural. Fazem parte do *Kalembre*: o eterno lembrar, aquilo que não se pode esquecer. Descrevê-las é immortalizá-las, codificar as linguagens é incentivar as interpretações.



A arte indígena sempre existiu e um dos exemplos é a arte rupestre, que está em nosso meio desde tempos inimagináveis, e aflora como uma energia de expressão de ser e estar, que se vincula às nossas tradições. É importante destacar que nem toda tradição é apenas um costume, mas também um rico conhecimento guardado nas amostras tradicionais. Sejam elas uma dança, um rito, um objeto feito à mão ou, até mesmo, em uma pintura no rosto, os olhares atentos é que irão decifrar o que estas tradições querem dizer.



Falar de arte indígena se faz necessário, considerando que, muitas vezes, estas artes se confundem e se fundem



como uma linguagem universal, submetidas a uma tradução genérica para as línguas e conceitos europeus. Essas linguagens, no entanto, vão bem mais além, adentram em distintas funções e expressões.





UM CONTO



Trago, neste primeiro momento, como uma simbologia de abertura ritualística para nossos diálogos no decorrer das próximas páginas, um conto. Julgo importante essa linguagem, pois representa uma forma de comunicação de nossos troncos sábios, que usavam de sua oralidade para repassar o saber, e esse saber está representado também em forma de narrativas, que por sua vez, incentivam nossas mentes a decifrar o que se faz necessário. Para isso, a interpretação fica com vocês, leitores. Busco, aqui, deixar o grito da Mãe Natureza, a expressão do antes, do agora e do depois.





A MÃE NATUREZA GRITA

MECUNÃ MEPAYTI



Já é tarde, tudo está certo, porém nada no lugar. O vento dorme e tudo parece estar pronto para o despertar. O fruto na árvore amadurece, a natureza engrandece e muito me entristece saber que, neste plano, há quem não saiba apreciar seus presentes divinos.

A noite chega e surge no céu a deusa *Nuã* com seu esplendor, clareando as almas escuras, fertilizando seres de vida e, ao mesmo tempo, um som é transmitido:

-Hãhãh uhon num nok, Hãhãh uhon nun nok.

É o som que a natureza faz quando tudo está em equilíbrio. Ela canta para os seres sagrados que habitam em seu cosmo, sua energia penetrante envolve cada vida surgida pela união dos elementos naturais. A natureza te saúda, basta olhar e sentir. Suas raízes penetrantes são a ligação profunda para uma vida saudável de riqueza verdadeira.

Oh, natureza bela, quanta sabedoria guardada você tem. Sua alma grandiosa nos abraça sem olhar a quem.

- Hãhãh uhon num nok, Hãhãh uhon nun nok, Hãhãh uhon num nok, Hãhãh uhon nun nok.



O despertar me chama e as lágrimas invadem meu espírito. Olho à minha volta e vejo fúria e clamor. A natureza pede socorro! Estão causando terror, acabando com nossas vidas em troca de objetos sem vida. Estão nos alienando da mãe natureza a cada dia. A natureza pede Socorro:



- Estão me matando, estão me devorando, estou sucumbindo à desertificação! - Grita nossa Mãe Terra.



Está faltando mais amor, o *Hānhān huon num nok* está deixando de ser ouvido. Mais um ano se passa e as ideologias se repetem, a cada dia te devoram e pouco a pouco te convertem. Estão te ensinando a esquecer o que de belo a natureza tem. Estão esquecendo a importância que a natureza tem. Sem ela não tem vida, não existe terra fértil, não existe abundância e ficaremos condenados a vagar em um vazio, sem vida, sem alma, sem espírito, sem nada.



Pertencemos à Mãe Terra e, quando ela se for, para onde iremos? Quem nos dará o alimento? Quem nos dará entusiasmo para um dia melhor, se nossa Mãe maior for destruída?



Essa turva metamorfose é uma confusão sem fim. O que era para ser metamorfose, está estacionada em um nebuloso sofrimento. A força natural está morrendo, gerando súplicas e dor. Nossa Mãe maior parece não aguentar as feridas causadas por quem perdeu a conexão cósmica. Com os umbigos rompidos, tudo parece estar se perdendo, a sabedoria ancestral parece desviar-se, morre por entre os dedos de quem se nega a entender sua importância.



Mais uma vez ela grita:





- Parem de me ferir, não me maltratem assim. Sou tudo que vocês têm, não me deixem ir. Se eu partir, tudo irá sucumbir a uma devastação total.



- Percebam que a vida não foi criada por vocês, ela é fruto das energias dos cosmos que se uniram e afloraram. Respeitem a si próprios como parte desse universo. Se um dia eu faltar, nenhum sopro de vida mais existirá!



Eu, que nasci na mata, sentindo o vento livre na pele, me sinto perdida vendo a Mãe Terra maltratada. Nossos animais extintos parecem não comover corações vorazes, os gritos no silêncio parecem não assustar quem na boca carrega o lema “humanidade”.



Sinto-me de mãos atadas, pois vejo meu berço sendo invadido por crenças infieis que prometem outro reino igual a este que estão destruindo. Sinto meu coração partido por estar presenciando esta terrível violência, estão agredindo nossa Mãe, estão mentindo para vocês. É tão difícil entender?



Ainda escuto o *Hãnhã huon num nok*, mas não sei por quanto tempo esse som sussurrará. Não quero existir quando esse som me faltar.



O dia amanhece o astro rei aparece sorrindo. E eu? Ainda tenho o privilégio de olhar aquela cor vermelha, com um sorriso de orelha a orelha ao ver tamanha beleza que é o nascer do Sol. O Astro Rei brilha, ilumina nossa Terra e logo anuncia:



- Estou trazendo mais um dia. Quem comigo se conecta, bora, bora acordar! O reino das sombras adormece e chegou



a hora da luz entrar. Aproveitem bem o dia até a hora de deitar-me. Acordem, acordem!!!



É lindo de ver, mas até quando? Vejo tudo mudando... Essa mutação que parece não parar! Preciso enxugar meus olhos e enfrentar mais um dia. Quero permanecer na terra, só ela tem o poder de me levar. Feliz é aquele que para a terra voltará.



A Natureza os convida a conhecer um pouco mais. Apreciem suas belezas e esqueçam os bens materiais, eles não trazem nada, só a solidão. Mas a natureza nos mostra a importância que é estar em união com todos os seres vivos, e para quem ainda não a conhece, a Mãe Natureza convida:



- *Mecunã Mepayti, Mecunã Mepayti!* -Entoa a natureza o saber ancestral.



Quem nessa mensagem mergulha, conhece todos os segredos. Foi então que senti um vento gelado percorrendo meu corpo, senti minhas mãos paralisando. Era a Mãe Natureza esfriando-me, me preparando para o que estava por vir. Ela sussurrou em meus ouvidos:



- *Mecunã Mepayti!* Fale bem alto, minha criança, é hora de gritar! Ecoe este som afora, é hora de bradar!



Um rio transbordando em meus olhos não me deixava enxergar um palmo do chão ao ouvir esse sussurro de socorro, pois a Mãe não aguenta mais. Teme o fim das eras, teme o fim de tudo. Os espíritos estão indo e tudo está ficando vulnerável. Os guias estão desaparecendo, estamos ficando sós.

Hoje me recordo de quando cantávamos em roda os ensinamentos da Mãe Natureza, era uma cantiga guerreira que



transmitia firmeza e tudo se transformava. A Mãe Natureza adorava as frases entoadas e na linguagem dos espíritos os nativos dali cantavam:



- *Yoa Hanhangá, angá raiô ê ô, Yoa Hanhangá. Raiô Jaybaras Hê ê ê.* - *Yoa Hanhangá, angá raiô ê ô, Yoa Hanhangá. Raiô Jaybaras Hê ê ê.* - *Raiô Jaybaras Hê ê ê. Raiô Jaybaras Hê ê ê.*



Era um canto de alerta, para que aqueles que ouvissem nunca esquecessem de vigiar, vigiar o que lhes foi dado, pois aquela riqueza toda um dia poderia ser cobiçada por almas devastadoras, almas que carregam nas mãos o espírito da destruição, *Hanhangá* encarnado.



O que devo fazer? Estou correndo contra o tempo para estancar essas feridas deixadas pelo espírito da destruição. Sinto-me sem forças, preciso repor minhas energias. Ainda choro as perdas de meus ancestrais que morreram tentando salvar nossa Mãe. Guardo na alma o canto guerreiro que muitos se recusam a ouvir. Mas eu sei: a Mãe Natureza é rica, tudo ela nos dá, desde a cura das enfermidades à felicidade abundante, porque Mãe é Mãe, sabe cuidar de seus filhos, e quem não rompe os laços, por ela é acolhido além de seu último suspiro.



Entender os seus segredos não é para qualquer um, por isso também te convido, com os mesmos sussurros que me alcançaram:



- *“Mecunã Mepayti, Mecunã Mepayti”!*



A vida não acaba aqui, há sempre uma continuação, e para essa linha continuar a existir, é preciso permitir que nossa Mãe continue viva. Sem ela não há vida, sem vida é



chegado o fim. E mesmo que não saibam ou não entendam, eu ainda estou aqui, pedindo proteção para quem me gerou, me abraça todos os dias e me desperta para a vida. Fico aqui pedindo que não destruam nosso lar. Ainda estou aqui.



Mas quem irá me esperar? Quem vai sorrir olhando-me chegar? Quem entenderá minha mensagem? Sei lá! As coisas mudam, o tempo muda, eu mudei, aquele ser que um dia brincou entre as sombras do nevoeiro na mata fechada, hoje corre contra o tempo e relembra memórias importantes. Por isso, imploro respeito pelo lar em que cresci.

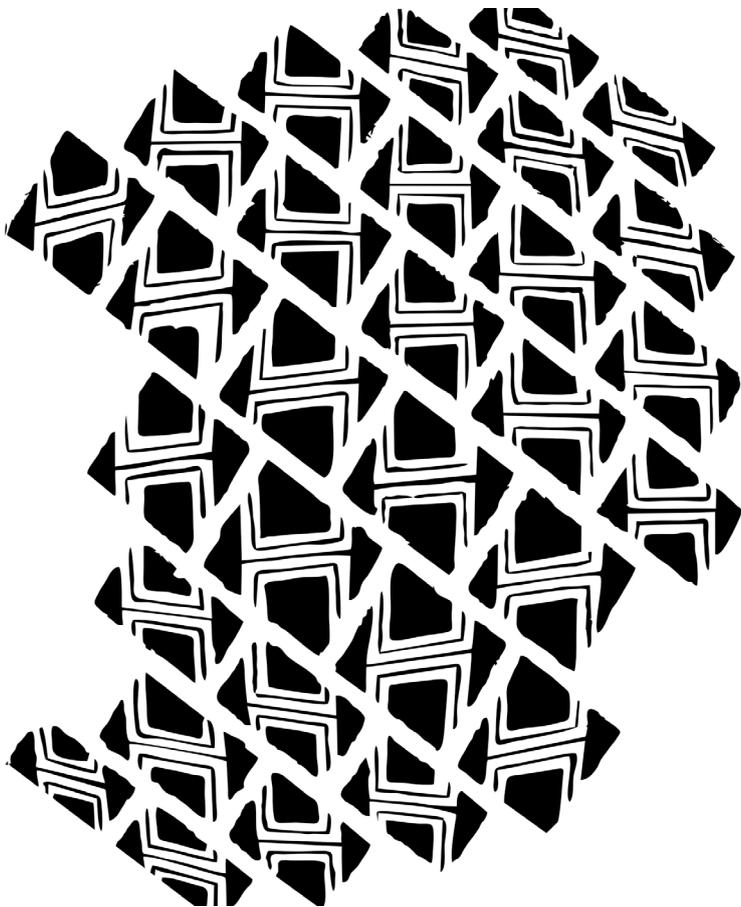


Hoje me deparo com o mesmo lugar. Entro e tudo está lá, mas nem tudo é como deveria ser: o que antes era *Hãnhã huon num nok*, hoje é *Mecunã Mapayti*. E se quer entender, escute a Mãe Natureza, ela conversa com você a todo momento. É preciso *Mecunã Mapayti* para *Hãnhã huon num nok* continuar a existir.





DESCREVENDO AS *TAOWÁS*





Taowás é a denominação dada a grafismos e pinturas na língua nativa do povo Karão Jaguaribaras, significa linguagens fixadas em corpos. Como uma arte filosófica, antropológica, sociológica e cosmológica, as Taowás exprimem diversas linguagens e têm a função de ligar várias dimensões, com elas faz-se uma interligação entre o mundo material e o mundo imaterial. São utilizadas nos corpos humanos e não-humanos, objetos, e em tudo aquilo que sirva para entrar em conexão.



Cada Taowá (grafismo, pintura ou híbrida) carrega um pedaço de meu povo, de meus ancestrais, dos encantados, da natureza, e é uma expressão da força viva do povo Karão Jaguaribaras. Diante de um projeto colonial de exclusão e extermínio dos povos indígenas, reproduzo Taowás com a intenção de imortalizar as diferentes linguagens. Enquanto as Taowás são as memórias ancestrais de meu povo que ainda vivem, também têm uma função social: não nos deixam esquecer que o povo Karão Jaguaribaras existe e resiste.



Nesse sentido, as Taowás possibilitam uma troca energética e nos fazem perceber a inseparabilidade entre arte e manipulação da energia vital.



Dentro das Taowás temos os **grafismos** e as **pinturas**. Os **grafismos** são frases dentro de um desenho, transmitem uma linguagem através de códigos. As **pinturas** são representações da língua, de outros seres, dos mundos como são para o indivíduo que pinta. Essas artes são, muitas vezes, confundidas com uma linguagem universal, sendo seus conceitos submetidos a uma tradução genérica para as línguas europeias, mas elas vão bem mais além, alcançam distintas funções e linguagens.



O uso dessas práticas mantém-se vivo graças às sabedorias de nossos anciãos, que repassam a importância de entender essas linguagens. Essa parte da nossa cultura resiste, mas sofreu muito com os projetos coloniais, com ideologias eugênicas que não aceitam as pluralidades, se mantendo bem tímida para garantir a sobrevivência.



As *Taowás* fazem parte de nossa cultura desde a ancestralidade e, hoje, eu sou uma das responsáveis por transmitir as mensagens que elas carregam. Reproduzo-as em corpos humanos e não humanos, e elas são o foco principal de conexão com os mundos. O jogo de cores, de traços, os espaçamentos, cada um com suas funções.



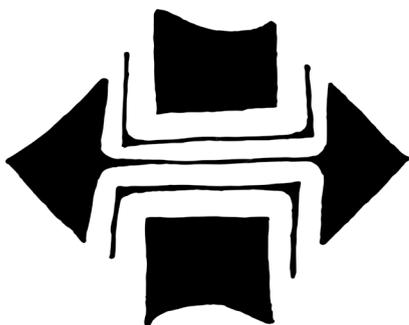


PINTURA

A mensagem do mundo para o indivíduo.

GRAFISMO

A mensagem do indivíduo para o mundo



HÍBRIDA

Mistura das duas linguagens da Taowá. A conexão entre o grafismo e a pintura.



Dentro das *Taowás*, além das pinturas e grafismos, temos a: *YNSCRYA PIÑYURA*, uma representação de linguagens que diferencia o locutor do interlocutor. Para melhor compreensão, seguimos o seguinte raciocínio:



Observemos, por exemplo, as posições que os seres humanos ocupam quando realizam uma palestra: existe uma plateia, que escuta/ assiste, e o palestrante, que fala. Ambos irão ter visões diferentes de um único espaço. A plateia vê o palestrante, e quem fala, vê a plateia.



Desta mesma forma, podemos perceber a natureza. Cada ser possui sua forma de comunicar algo em seus territórios.



Um tigre, por exemplo, tem suas marcas listradas por todo corpo; são grafias que transmitem uma mensagem e, quem ver, entenderá. Com as *Taowás* é da mesma forma, temos também grafismos formando um ser representativo, o qual define, à primeira vista, a linguagem que circula entre quem o vê e quem o reproduz.



Para entender melhor, observem a *Taowá* expressa anteriormente e vejam a transformação da junção de grafismos. Quando a reproduzi, inseri grafismos, códigos sob os quais





tenho domínio da representatividade, mas quem a observa, verá como uma pintura, atribuindo outros simbolismos a partir da própria perspectiva. Esta forma de arte meu povo compreende como *Ýnscrya Piñyura*.



De fato, a natureza usa técnicas inexplicáveis quando se trata da arte e suas linguagens. Percebam que as diferenças interagem entre si de muitas formas, são colocadas de acordo com as formas naturais das coisas e, a depender do contexto, vão criando seu espaço de atuação.



***TAOWÁDAS* DOS RITUAIS SAGRADOS**





YORÉM



O *Yorém* dos Karão Jaguaribaras é um ritual sagrado que abrange diversos contextos sócio-espirituais, desde um pedido de força para as batalhas, até as celebrações depois da passagem delas. Tem como um dos pontos principais, ligar o povo às energias materiais e imateriais. Os rituais são acompanhados por músicas, entoadas e desentoadas. As músicas entoadas são os toques gerados pelos instrumentos, criando uma melodia sonora e, dependendo do ritual, serão toques lentos ou agitados; as músicas desentoadas são acompanhadas de letras, puxadas pelo nosso *Papuã* [mensageiro(a) do trovão].



Os instrumentos são produzidos por nós mesmos. O *Yorém* é um ritual ligado ao toque/som; traduzindo literalmente, o *YÓ* ou *TO* vem de toque e *RÉM* de oco, uma referência ao som de tora oca e a alguns instrumentos musicais (Toró, Torém), que são confeccionados com taquaras, cacias, torém, taboca, bambus e outros materiais retirados da própria natureza.



Indo mais além de um simples ritual, é uma das linhas de ligação com os seres. Os rituais acontecem de acordo com as necessidades do povo, fazemo-los por diversos motivos, mudando algumas vezes as bebidas, instrumentos musicais, lugares e cantos, de acordo com a finalidade e natureza do assunto como: celebrações, orientações, agradecimentos e preces. Geralmente, os ritos acontecem em *Okaras* (terreiros). Para meu povo, o *Yorém* é a capacidade de se conectar através do toque, do som.



A *Taowá* que compartilho em seguida é a representação de um pote de barro, vasilha utilizada para fazer *Jirikira* (bebidas sagradas do povo Karão Jaguaribaras), utilizadas em rituais como o da fertilidade e purificação, por exemplo, no qual germinam as *Pingorós*, no interior das *Kahañe*, que é o espírito feminino. É também uma espécie de fertilizador da raiz que nos origina.



Chamamos *Jirikira* várias bebidas que resultam de diversas misturas. Temos as bebidas feitas apenas por mulheres, as bebidas feitas coletivamente e a bebida de consagração do *Yorém* que consagra a fertilidade da mulher. Este ritual acontece quando a mulher entra no período menstrual pela primeira vez, ou seja, está consagrada a receber o dom da fertilidade, e o momento é regido por festa.



O objeto utilizado para a fabricação das bebidas sagradas é um pote de barro; o tamanho varia de acordo com a quantidade de bebida que se julgar necessária para a celebração.



Pote de fazer *Jirikira*.
Bebidas sagradas de
uso ritualístico.



A FESTA DAS *PINGORÓS*



É uma tradição ancestral, um ritual ininterrupto. Para a celebração, reunimo-nos para cultuar a fertilidade, juntamos as mulheres, trançamos os cabelos delas com sementes nos cabelos e fazemos uma celebração em volta das *Pingorós* (sementes). Esta celebração acontece entre as datas 21 a 23 de junho, dia 21 iniciam-se as preparações e 23 a celebração, no qual pedimos fertilidade à Mãe Terra para as sementes e para as mulheres que querem ser mães.



A festa das *Pingorós* (presentes das chuvas) da Nação Karão Jaguaribaras é uma celebração milenar que gira em torno da cosmologia de plantações e colheitas, praticadas pelo povo e guiadas pelos *Kahoo* (Os grandes espíritos), com base nos calendários naturais.



Um ritual que dura o ano todo, de forma cíclica, ininterrupta, mas com diversas etapas e rituais durante os diferentes períodos. A celebração das *Pingorós* é guiada por constelações e planetas, no entanto algumas datas variam no calendário convencional, pois nosso povo segue o calendário natural. Todo ano esse ritual acontece, independentemente de qualquer imprevisto, pois é esse ritual que assegura nossa subsistência. A festa, em si, é em agradecimento aos *Kahoo* pelo alimento que nos é apresentado e dura três dias.



Finalizamos a celebração cavando o chão e enterrando uma espécie de útero de barro com as *Pingorós* que queremos cultivar no ano seguinte e os pedidos de bênçãos para quem quer suas germinações saudáveis.



KAHANE KAHOO



Temos uma crença de saudar a deusa Nuã (expressão que na nossa língua significa Lua), a deusa da fertilidade, a deusa das inspirações, simbolizada pelo *Kahane Kahoo* (o espírito feminino). *Kahañe Kahoo* é uma divindade ancestral da Nação Karão Jaguaribaras, representada por mulheres do coletivo do *Kalembre*.



Mãe-Ota, a matriarca agraciada para manter viva nas sementes futuras essa cultura que percorre as veias dos nossos povos desde a ancestralidade, orienta todas as decisões, sendo ela o espírito líder das *Kahañes*. Ela é a *kasike* do povo Karão Jaguaribaras, é a outra mãe depois da Mãe Terra, a mãe do *Kalembre*.



A nação deste povo é regida também pelo espírito feminino cuja cosmologia central se destaca como a força da mulher e suas contribuições para o bem viver desta nação. A *Mãe-Ota* é a simbologia encarnada que prova que as mulheres tinham seus espaços sociais garantidos dentro dos nossos



povos, sem exclusão de gênero. Portanto, não é desde sempre que esse processo de exclusão existe, foram os colonizadores que trouxeram essa prática com suas mitologias Cristãs, que carregam em seu legado um ser masculino sem a presença do feminino, e essa ideologia foi a justificativa preliminar da submissão da mulher.



Essa conjuntura social trazida pelos colonizadores impôs a figura do “homem” como sinônimo de toda a classe humana, base que hoje rege o monoteísmo, excluindo, assim, a complexidade da diversidade ideológica. Depois que a colonização dominou nossas terras muitas coisas mudaram, novas regras, novos padrões e estruturas de vida, novas imposições e várias condenações contra povos indígenas e mulheres. Esse processo ocorreu da forma mais violenta que a mente humana pode imaginar, inclusive através da exclusão e invisibilização da força feminina: a mulher foi lançada a um estado de negação social.



O povo Karão Jaguaribaras ainda mantém viva a cultura de respeitar os espíritos femininos, as mulheres têm papéis fundamentais para a ligação do equilíbrio do *Kalembre*.



GUYÁ KAHOO: OS ESPÍRITOS E AS SERPENTES





TIARÃN KOY YORÉM



Um dia, *Yçú* e *Kahoo* se juntaram em um grande ritual chamado *Yorem*. *Kahoo*, o grande espírito, abriu os trabalhos para conceber a *Kahañe*, a fertilidade, filha de *Nuã*. Convidaram *Papuã*, mensageiro de *Katulé*, o deus trovão; *Hayangà*, o deus da Guerra; *Nuã*, a deusa Lua; *Kã*, o deus Sol; *Yoró*, as deusas do subterrâneo; e em formato de *karakupeba* com o grande espírito de *Guyá Kahoo*, em meio à imensa chuva, debaixo do pé de *Torém*, inicia-se o grande e sagrado ritual *Yorém*.



Junto ao vento, o fogo e a água se tornam elementos de ligação. A terra e o espaço se conectam às várias faces e, através da grande serpente, costuram-se os mundos. A morte se liga à vida, o dia se liga à noite. No auge do ritual, surge do barro um grande *kãmuncim*, raiz central que irá interligar todos os seres, e, assim, nasce a fertilidade.



- Saia do *Kãmucin* e entre em nosso *Kalembre*! Quando sua missão cumprir, retorne ao *kamucim* e encante-se, mas deixe sua *Pingoró!* - Disse *Kahoo*.



Assim surgiram as *Pingorós* e os instrumentos sagrados para que esse ritual nunca seja interrompido.

Uma exposição de si

Às vezes um espelho

Outras vezes um reflexo

Alguns momentos um anseio



Mas não deixa de ser diversa
Seu espírito flutua
Nas mais bravas tempestades

Expõe-se assim
Com marcas ancestrais
Marcas estas não destruídas

Pelas maldades dos iguais
Traz nesta face o que se pode mostrar hoje

Além de um registro
Uma exposição de si!
Uma exposição de si!
Uma exposição de si!
Uma exposição de si!



A COSMOLOGIA DA ARTE





Cordel do sonho alheio,
o que fazes em meu pensar?
Permita que eu te pinte
e te mostre como despertar.
Cordel do sonho alheio,
como faço para te alcançar?
Me deixe te ver melhor
para poder te desenhar.
Cordel do sonho alheio,
quantas vidas você tem?
Diga-me o necessário,
mostre a mim o que te convém.



A arte para meu povo, Karão Jaguaribaras, é uma das faces indefinidas. Considerada também uma linha que costura as dimensões, é como uma teia que liga e protege os mundos. Nós, indígenas, somos contemplados com a diversidade, dentro de nossas vivências não há limitação de atividades, fazemos de tudo um pouco, e na arte não é diferente.

Cada espaço exige um mundo, cada mundo, uma expressão, uma vez que o equilíbrio se faz presente nas vivências. A conexão interage conosco quando as portas dos elementos ficam abertas. A arte é um dos portais das vozes, das visões, dos sentimentos. Muitas das linguagens estão expressas de diversas formas, poesias, desenhos, pinturas, e cada uma delas representa sua força interior conectada a outras forças



que alimentam a vida existente. Muitas vezes, uma imagem representa a magia artística que liga diversos pontos a um elemento.



A arte é, também, a representação das línguas silenciadas, é a quebra do silêncio. Quebra de silêncio é o momento em que rompemos a amnésia social provocada pelo projeto colonial e evidenciamos em público nossas lutas. É o momento de ecoar as vozes silenciadas pelas violências, para além de nossos lares. As vozes do silêncio só podem ser ouvidas quando há uma interação, uma ligação, uma conexão direta com o ambiente envolvido.



A INDÚSTRIA CULTURAL



Para se compreender a indústria cultural é preciso associar alguns temas, de modo que possamos entendê-la de acordo com o grau de interesse e influência que exerce sobre a sociedade.



O contexto social da tradição possui uma identidade própria. Nesse quesito, a ancestralidade de cada povo deveria ser respeitada, porém a colonização cultural ainda acontece. Nós, povos originários, sabemos que o mundo em que vivemos hoje nem sempre foi assim, não havia para nós, indígenas, o pensamento de controlar, escravizar, se apossar ou usufruir dos sagrados de forma individual, tratando-os como coisas.

Geralmente, o que eu escuto de “segundo os antigos”, está limitado a uma data, a partir de 1500, como se a vida



começasse a ter história e exemplos a partir desta data, ignorando toda a história anterior ao período colonial.



A cultura de massa subentende que todos têm o mesmo interesse por alguma coisa, sendo, então, adotada como algo de preferência social. No entanto, este é um consenso informal, sem embasamento, que vem sendo usado para criar espaços de exclusão. A Arte, em contexto geral, foi incluída neste meio, no qual sua importância, não só material, mas interpretativa, foi dragada pela indústria e, assim, se dá o nascimento do sistema artístico capitalista.



Neste sistema não há espaço para os nativos, por quê? Porque fomos subalternizados, subestimados como seres capazes de produzir arte.



A indústria cultural contribui para essa ação, a partir do momento em que atribui preços para algo que é sagrado em uma determinada comunidade. Aos olhos dos demais, se torna algo limitado, ou seja, dependendo do preço pode ser adquirido por aqueles cuja postura capitalista permite, fazendo com que percamos a autonomia de referência (uma forma de apagamento), desvalorizando nossa arte.



Assim, esses sagrados perpassam por mãos que lhes atribuem um valor diferente do simbólico para nossos povos, o que define o destino do material. É aí que começa a morte de uma Tradição. E quando nós, indígenas, nos negamos a vender algo que é sagrado para a gente, nos castigam tentando



apagar nossa história, inferiorizando nossas artes, dando a entender que são desvalorizadas e pouco apreciadas.



O mesmo acontece com as nossas crenças e tradições, ambas são coagidas a serem inseridas em um nível de mercado capitalista no qual tudo tem valor material correspondente a números simbólicos, categorizados hoje como dinheiro. Por vezes, se apropriam de nossas culturas, sem assumir as influências de povos indígenas nas linguagens artísticas que reproduzem.





E ESSE TOM DE AMÉM?

Não, não é possível.
O que está havendo aqui?
Cheiro de sangue no ar...
De quem é? Quem está a derramar?

Por que estão fazendo isso?
Qual motivo se tem
pra derramar o nosso sangue
com esse tom de Amém?!

Que estrutura é essa
criada pelo colonizador?
Fere nossa dignidade
causando terror.

Onde fica a igualdade?
Quanto vale uma vida?
A que preço estão
vendendo
a população nativa?

É triste olhar pra frente
sem enxergar o além,
além dessas matanças,
com esse tom de Amém.

Não entendo o porquê
de tanta agressão,
a Mãe Terra não merece
tamanha perseguição.

Ainda não é dia para sorrir,
e não dá tempo para chorar.
É hora de se posicionar.
De que lado você está?

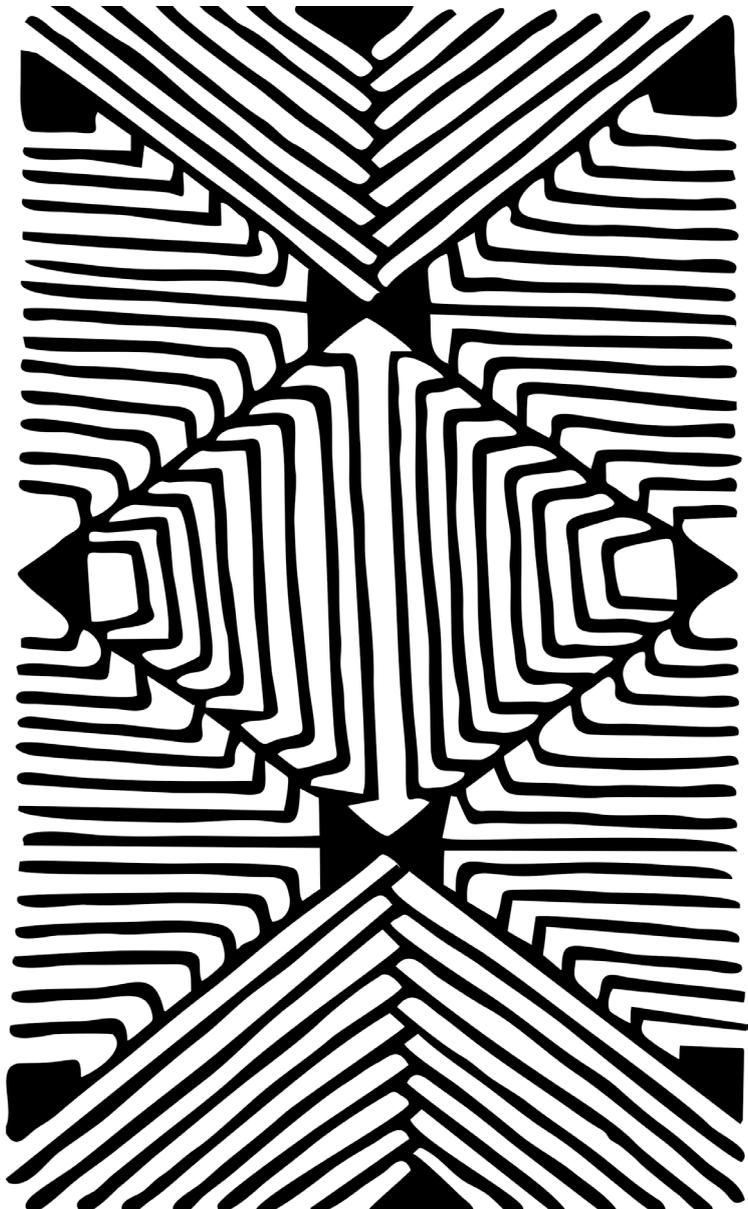


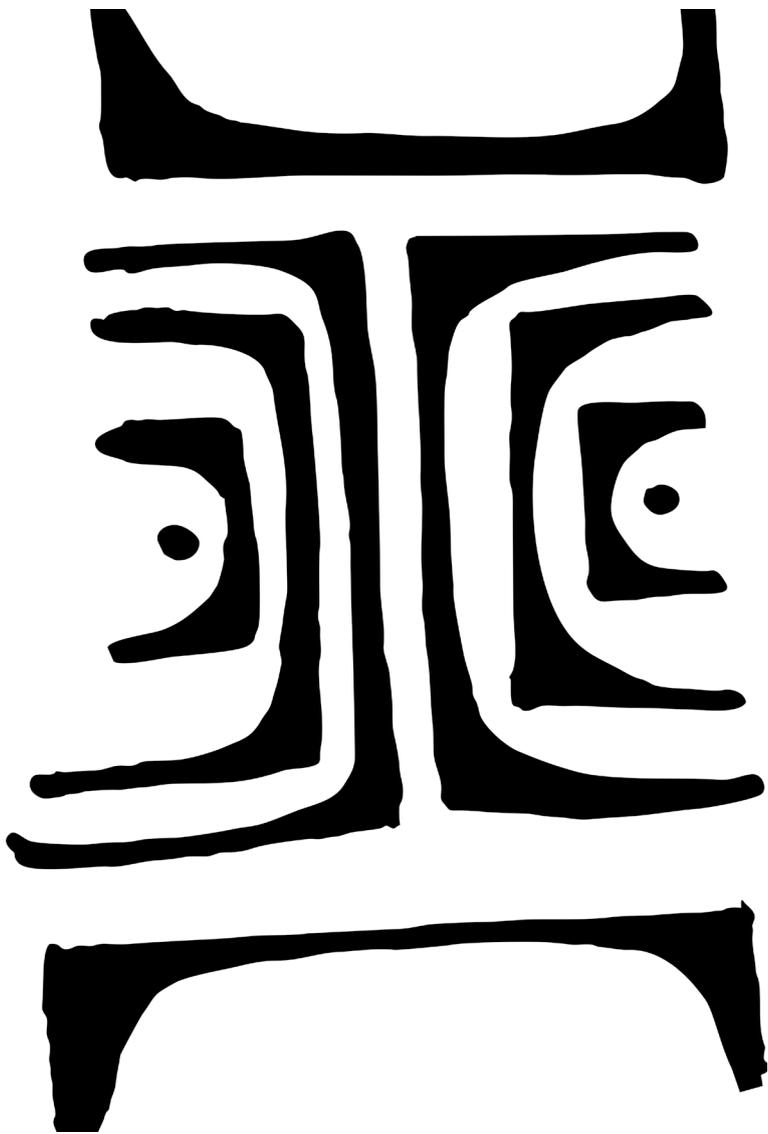




Handwritten-style Chinese characters in black ink, reading "上海" (Shanghai).



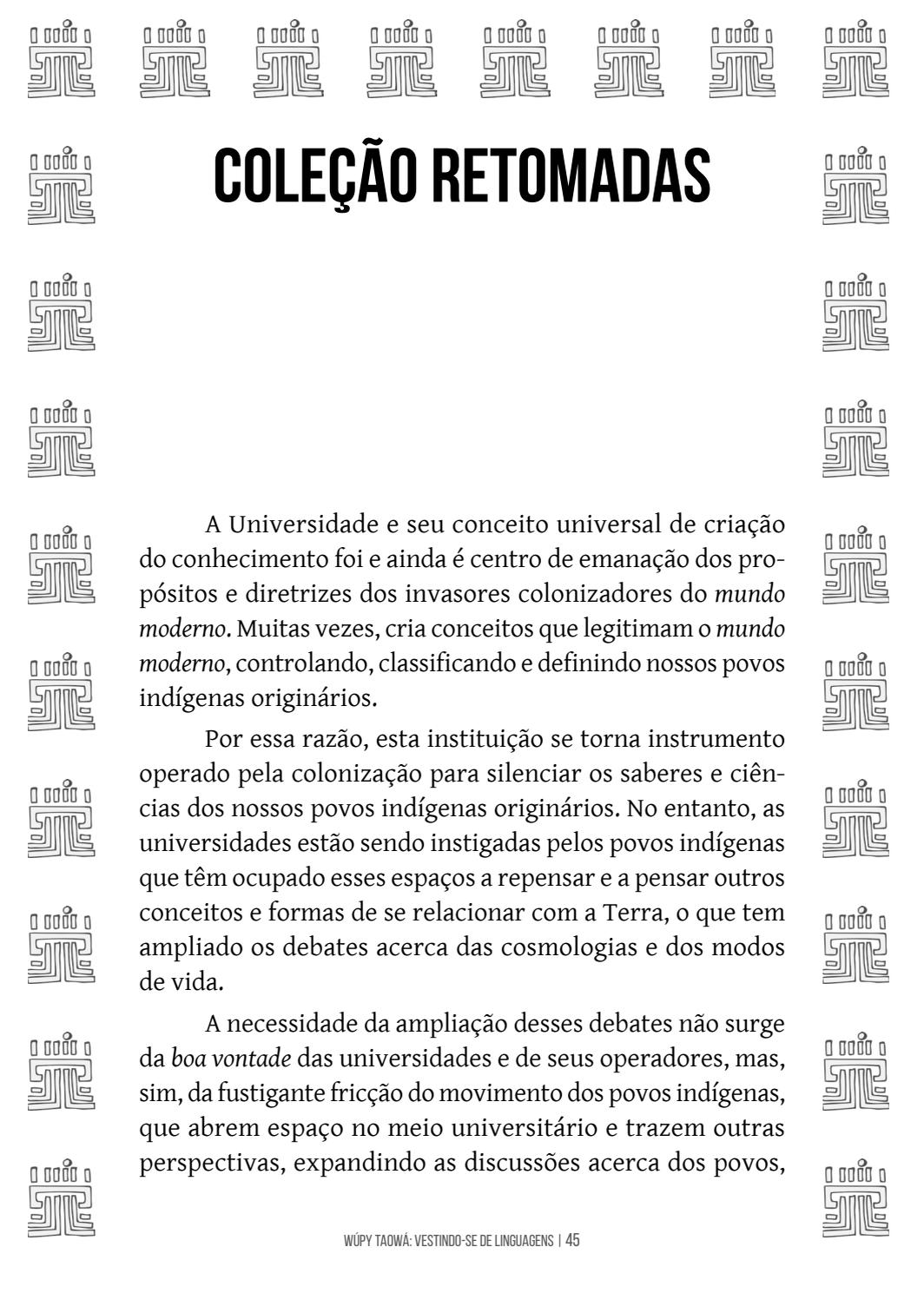






فغزى





COLEÇÃO RETOMADAS

A Universidade e seu conceito universal de criação do conhecimento foi e ainda é centro de emanção dos propósitos e diretrizes dos invasores colonizadores do *mundo moderno*. Muitas vezes, cria conceitos que legitimam o *mundo moderno*, controlando, classificando e definindo nossos povos indígenas originários.

Por essa razão, esta instituição se torna instrumento operado pela colonização para silenciar os saberes e ciências dos nossos povos indígenas originários. No entanto, as universidades estão sendo instigadas pelos povos indígenas que têm ocupado esses espaços a repensar e a pensar outros conceitos e formas de se relacionar com a Terra, o que tem ampliado os debates acerca das cosmologias e dos modos de vida.

A necessidade da ampliação desses debates não surge da *boa vontade* das universidades e de seus operadores, mas, sim, da fustigante fricção do movimento dos povos indígenas, que abrem espaço no meio universitário e trazem outras perspectivas, expandindo as discussões acerca dos povos,



da relação com a Terra, da relação com a vida e da relação com o consumo. Nossos povos são povos cúmplices da Terra, bem diferente do povo do *mundo moderno* que é o povo do consumismo.



A questão cosmológica dentro das universidades vem ganhando visibilidade, velocidade e força a partir de diferentes movimentos articulados pelos povos indígenas originários. Hoje, de certa forma é bem mais comum tratar esse tema em algumas universidades. Porém, nossas cosmologias ainda são abordadas a partir do pensamento e cosmovisão dos invasores brancos, que teimam em querer nos ensinar a como pensar a vida da mesma forma que eles pensam.



Essa é uma questão mal abordada pelos doutores das universidades, que aludem a nossos povos numa perspectiva genérica do *mundo moderno*. Cada povo é um mundo, uma cosmovisão, uma perspectiva. Cada povo tem uma maneira de viver, sentir e perceber a Terra e o território onde está. Logo, para uma proposta de aproximação e diálogo entre nossos povos e a Universidade é necessário que esta entenda que nossos povos não são genéricos.



A Universidade em seu nome abriga o conceito do universal e nossos povos são plurais. Para a universidade ampliar o debate com os povos indígenas originários, ela tem que rever seu conceito de universalidade. A partir da tentativa de diálogo entre universidades e povos indígenas podemos pensar como esse movimento será importante para afirmar as retomadas das narrativas dos povos indígenas originários. Com a ampliação do debate cosmológico, poderemos compor trocas de conhecimentos, numa convivência entre nossos



mundos indígenas e o *mundo moderno*. A Universidade pode deixar de ser um espaço de colonização e se tornar um espaço de amplificação dos plurais modos de vida.



A proposta da ***Coleção Retomadas*** é apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do a) questionamento da história *oficial* do *mundo moderno*, do b) relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da c) expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.



Precisamos enxergar cultura além da visão de mercado, além de um ciclo vicioso de reafirmação de um poder hegemônico e de epistemologias forjados das correntes que nos amarram ao passado criado pelo colonizador e que, até hoje, nos impedem de reconhecer outros modos de vida. Dar voz aos nossos parentes e assegurar-lhes o direito de registrar suas vivências sob uma perspectiva sua, apresentar cosmovisões de resistência que impulsionam nossa retomada por uma cosmologia que respeite a vida e as diferenças, que lhes são naturais.



A ***Coleção Retomadas*** é fruto da coragem de romper estruturas e convenções que insistem em nos apartar do que somos como condição para sermos ouvidos. É um ato de insubmissão, em que nós indígenas nos desvencilhamos da condição passiva, limitada e muda de objeto de estudo em que somos descritos por aqueles que não partilham de nossos mundos, para mostrar que também somos sujeitos que contribuem para a construção de saberes. É uma chamada de



retomada, um movimento pela pluralidade de conhecimentos que não podem ser acessados por aqueles que não se permitem ver além da generalização das identidades artificiais que nos impuseram.



Eliana Souza Tremembé

Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú





MERREMII KARÃO JAGUARIBARAS

Nascida no dia 02 de março de 1993, em Aratuba, Ceará, Merremii Karão Jaguaribaras é agricultora, militante indígena, contista, poetisa, ambientalista, artista visual e artesã. Graduada em Sociologia pela UNILAB-CE e Graduada em Serviço Social pela Anhanguera – UNIDERP (Centro de Educação à Distância-CEAD).

É descendente das Caboclas Serpentes do Clã das cobras pretas da Nação Karão Jaguaribaras, também conhecidas como Cablocas Flexeiras.



WÚPY TAOWÁ é um conjunto de linguagens transmissoras de mensagens, insere-se como uma arte filosófica, antropológica, sociológica e cosmológica. Para tanto, exprime diversas linguagens que sinto a necessidade de descrever neste livro, na intenção de immortalizar estas linguagens expressas de diversas formas em meu povo indígena pertencente à nação Karão Jaguaribaras.

As Taowás vêm carregadas de linguagens, diversas expressões acompanhadas de simbologias que nos permitem adentrar em um espaço pluricultural. Fazem parte do Kalembre: o eterno lembrar, aquilo que não se pode esquecer. Descrevê-las é imortalizá-las, codificar as linguagens é incentivar as interpretações.

Falar de arte indígena se faz necessário, considerando que, muitas vezes, estas artes se confundem e se fundem como uma linguagem universal, submetidas a uma tradução genérica para as línguas e conceitos europeus. Essas linguagens, no entanto, vão bem mais além, adentram em distintas funções e expressões.

Merremii Karão Jaguaribaras

ISBN: 978-65-86967-50-0



9 786586 967500

